



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**CORPOS MARCADOS: ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES
NAS PRÁTICAS ESCOLARES EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Sérgio Aboud¹
Jane Lucy do Amaral Moura²
Anna Carolina Neves Anchieta³
Juliana Pelluso Fernandes da Cunha⁴
Karla Herdy Mackenzie⁵
Yasmin Freitas Abrantes⁶
Isabela Pinto Vilela⁷

Resumo

Neste trabalho estaremos apresentando uma reflexão sobre a experiência do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal Fluminense, partindo de um Projeto de Extensão desenvolvido em uma Escola Pública no município de Niterói, onde pudemos perceber que as atitudes e ações dos adolescentes ligadas as questões de gênero e sexualidade eram associadas a indisciplina e desordem pelos professores nas aulas de Educação Física, contribuindo para o desenvolvimento da disciplina “Gênero e Sexualidade na Escola” da nossa grade curricular, pensando na formação docente de futuros professores de Educação Física e na construção de uma sociedade mais equânime.

Introdução

¹ Professor do Departamento e do curso de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. sergioaboud@uol.com.br

² Aluna do 5º período da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Monitora da disciplina “Gênero e Sexualidade na Escola”.

³ Aluna do 5º período da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Bolsista do Projeto de Extensão “Juventude e Homoafetividade: Direitos Sexuais são Direitos Humanos”.

⁴ Aluna do 5º período da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Bolsista do Projeto de Extensão “Juventude e Homoafetividade: Direitos Sexuais são Direitos Humanos”.

⁵ Aluna do 5º período da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Colaboradora do Projeto de Extensão “Juventude e Homoafetividade: Direitos Sexuais são Direitos Humanos”.

⁶ Aluna do 5º período da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Colaboradora do Projeto de Extensão “Juventude e Homoafetividade: Direitos Sexuais são Direitos Humanos”.

⁷ Aluna do 3º período da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Bolsista do Projeto de Extensão “Empoderamento de Classes Populares”.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

As questões envolvidas com o debate que propomos para a abordagem do tema estão relacionadas com construções sociais e culturais, preconceitos, práticas educativas e produção de identidades sexuais e de gênero nos processos de escolarização, tendo como espaço propiciador as aulas de Educação Física. Essa discussão, por sua vez, está fortemente ligada a temas que perpassam a vida em sociedade. Isto porque parte de uma proposta de reflexão interessada em conhecer como a experiência humana de viver em sociedade tem sido construída e pensada, indicando para inquietudes acerca das possibilidades de levar os sujeitos sociais a continuarem em suas lutas “pelo controle de seus direitos individuais e coletivos” (BAUMAN, 2003, p.8/9). O princípio de tudo, portanto, é a necessidade de pensar sobre o sentido das nossas práticas sociais e, principalmente neste estudo, práticas educativas, avaliando as dificuldades que temos em discutir estas e que possam estar em conformidade com uma idéia de educação escolar que permita contribuir para a construção social de formas de vida mais equânimes e justas.

O estudo das práticas e significações atribuídas, pelos professores, ao gênero e à sexualidade, permite identificar como, nas relações interpessoais da vida habitual, naquilo que é aparentemente banal e rotineiro, que já não nos causa nenhum estranhamento ou indignação, se expressam e se instituem os significados para os valores e preconceitos que sustentam os mecanismos de produção das diversas formas de exclusão e de desigualdades sociais, na e pela escola (LOURO, 1999). Pressupomos, portanto, que em todas as dimensões e lugares da vida social cotidiana se fazem presentes relações de poder forjadas no confronto entre sujeitos com desejos, valores, idéias, interesses e necessidades que se opõem e se antagonizam, numa relação que é sempre conflituosa, contraditória e em movimento. Nesse processo de lutas, opõem-se práticas e simbolismos que se fazem e refazem a cada nova experiência, mediadas que são por nossas vivências particulares e coletivas, no interior das quais se produzem as nossas representações e hierarquizações sobre classe, etnia, nacionalidade, gênero, raça, geração, sexualidade etc.

Para refletirmos o modo como tais fenômenos se manifestam nas relações no cotidiano da vida escolar, vamos nos referir às observações e análises resultantes da vivência de um Projeto de Extensão desenvolvido por nós.

Para iniciarmos gostaríamos de tecer algumas considerações sobre gênero.

Gênero, Sexo e Sexualidade: construindo Identidades de Gênero e Identidades Sociossexuais

Sabemos que não é de hoje que existe na sociedade uma clara distinção entre ser homem e ser mulher, pois desde o momento que, mesmo antes do nascimento, se descobre o sexo do bebê, já se criam expectativas acerca daquela criança. Mas o porquê desta distinção? Ou melhor, onde esta fundamentada esta distinção entre ser homem e ser mulher nas sociedades?

Ser homem ou ser mulher vai além do sexo biológico, ou seja, além dos órgãos genitais com os quais nascemos. Dizemos, portanto, que o sexo biológico é denominado pela natureza, pode-se nascer macho ou fêmea e assim nos é atribuído um papel que



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

será determinado pelos papéis atribuídos socialmente as funções masculinas e femininas, neste processo a família e a escola têm forte contribuição. Quanto ao gênero trabalhamos com a concepção de que é construído social e culturalmente através das relações que vamos estabelecendo na sociedade e que nos são passadas através de uma determinada cultura, em um determinado tempo e em determinado espaço, podendo nos levar a reprodução dos papéis heteronormativos ou não.

Durante séculos e até os dias hoje, esta relação de diferença entre homens e mulheres (constituída e construída socialmente, que podemos chamar de gênero), foi pautada nas características sexuais dos indivíduos, ou seja, usa-se de características biológicas para dar corpo a uma prática social que hierarquiza os sujeitos. Este

argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa situação, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social” (Louro, 1999, p. 20/21)

Contudo é necessário ressaltar que até mesmo essas questões de cunho sexual, vão além do caráter biológico. Não são apenas as características sexuais que irão determinar o que é masculino e feminino, mas sim as representações que essas características irão assumir na sociedade em um determinado momento histórico. Sendo assim é fundamental ir além do discurso do sexo (aqui entendido enquanto sexo biológico), que acaba por justificar as desigualdades sociais entre homens e mulheres; é preciso compreender o sexo enquanto uma categoria, que assim como o gênero vai sofrendo alterações e transformações de acordo com aquilo que socialmente vai sendo incorporado.

Especificamente nas sociedades capitalistas, é a partir da constante busca de se distinguir biologicamente homens e mulheres que as relações entre estes vão sendo pautadas. Primeiramente em uma relação histórica de desigualdade, que em muitos casos persiste até hoje, onde o homem aparece enquanto figura dominante da mulher, então tida como figura dominada. Pautada na então distinção sexual, ainda que esta também seja produzida socialmente, a relação de desigualdade fez com que os homens pudessem assumir os espaços tidos como esfera pública, como por exemplo, propriedade da terra, as fábricas, o mundo do trabalho; e a mulher a esfera privada; o lar, o mundo doméstico, a educação dos filhos. Sendo a mulher inferiorizada em relação ao homem, que cada vez mais se torna não apenas senhor da terra e dos filhos, mas senhor e dono daquela mulher e seu futuro.

Entretanto, é importante salientar que a distinção sexual na sociedade não vem apenas caracterizar o que é papel de homem ou papel de mulher, esta distinção nos remete a algo maior que seria entender o gênero enquanto parte constituinte na identidade dos indivíduos. Com isso aprofundando as múltiplas faces que esta discussão



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

pode assumir, como por exemplo, as diversas formas de masculinidade e feminilidade, pois as relações de gênero vão além da definição de padrões de comportamento para homens e mulheres, pois acabam também por interferir na subjetividade destes indivíduos. O gênero, portanto não é uma categoria alheia ao indivíduo, mas que faz parte deste, pois segundo Louro (1994) a partir do momento que se afirma que o gênero institui a identidade, pode-se dizer que “o gênero faz parte do sujeito, constituindo-o” e na apenas definindo papéis, seria nas palavras da autora “generificar” os diferentes espaços e práticas sociais.

Outro conceito que deve fazer parte na discussão de gênero é o de sexualidade,. No contexto social mais amplo ambos aparecem fortemente articulados, muita vezes se confundindo. O importante na discussão seria ressaltar que assim como o gênero é socialmente construído, a sexualidade também. Foucault na sua obra A História da Sexualidade (1998) afirma que esta é uma invenção social, portanto não existiria uma padrão de sexualidade, uma sexualidade pronta e dada como natural e correta, e assim diversas sexualidades que se formam de acordo com diferentes discursos presentes na sociedade em relação ao sexo. Com isso os sujeitos exercem sua sexualidade de várias formas.

Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo apostado, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. [...] Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo, tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (Louro, 1999, p. 29)

Após esta breve consideração sobre conceitos fundamentais para a nossa reflexão proposta neste trabalho, iniciamos uma análise sobre as vivências escolares.

Vivências escolares

Trabalhando com o conceito da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, estabelecemos como uma das nossas metas para o ano de 2011 em nosso Projeto a vivência participativa em aulas de Educação Física de dois primeiros anos do Ensino Médio, em uma escola pública de Niterói, município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Foi participando das aulas, de reuniões de planejamento, de entrevistas com os docentes e refletindo as práticas educativas, que verificamos como e quanto às concepções de indisciplina estavam intrinsecamente ligadas às formas como compreendiam e qualificavam os alunos, em função do gênero e da sexualidade. Ficou evidente, o modo como os mecanismos escolares de controle social se vinculam a uma pedagogia em que professores operam com o desejo de normatização e controle sobre a constituição das subjetividades e identidades sociais e sexuais dos alunos. Tal fato não é necessariamente consciente, planejado ou refletido, mas converge para um processo em que se produzem sujeitos mais dóceis e enquadrados em modelos identitários de gênero e sexualidade, considerados normais, fixos e legítimos (BRITZMAN, 1999).

A preocupação com o gênero e a sexualidade dos alunos apareceu de modo recorrente, nos relatos que foram feitos e observados sobre casos de indisciplina. Durante as entrevistas, principalmente, notou-se que algumas professoras se mostravam visivelmente inconformadas com os comportamentos atuais das alunas, dizendo que “elas mudaram muito e estavam ficando cada vez mais, iguais aos meninos”. Afirmavam que elas falavam muitos palavrões e “até nos modos de sentar precisam ser repreendidas, pois não apresentam atitudes próprias de meninas”. Para “uma menina se comportar assim, ela está bem alterada em seus princípios”, sentenciou uma das professoras, indicando que não oculta das alunas o seu julgamento e inconformidade diante dessas observações. Pôde-se perceber que, em sua maioria, os docentes revelaram um incômodo e mal-estar com o que diziam constatar, isto é, que grande parte das meninas demonstravam ser muito “assanhadas”, “despertas muito cedo para a sexualidade” e “mostravam extremo interesse pelos meninos”. Nesta visão o comportamento fora do padrão almejado torna-se um problema para a ação pedagógica:

As meninas são precoces, irresponsáveis, voltadas demais para a sexualidade. Há falta de orientação por parte da família. [...] O interesse pelo menino provoca a indisciplina por parte delas e por outro lado, como elas são precoces, seus seios chamam a atenção, os meninos também ficam indisciplinados. (Professora).

A identidade e as práticas das alunas são, portanto, avaliadas segundo dois ângulos de olhar: em função dos modelos sociais acerca de gênero e, também, dos de sexualidade mais predominantemente aceitos e normatizados. As atitudes das alunas, que são associadas com a expressão de desejo sexual, de sensualidade e sedução, são vistas como algo negativo, que espanta e assusta, e que precisaria ser mudado. Apesar de tal assombro e reprovação, também afirmaram que não lhes competiam nem sabiam como lidar com essas situações, remetendo tal responsabilização para a fiscalização e controle dos pais. Essa postura de lavar as mãos, aliada aos modos de sentir e pensar referidos, tem um caráter enganoso, pois a própria indiferença gera efeitos sobre a subjetividade dos alunos e tem implicações concretas na instituição e reafirmação de relações sociais excludentes e discriminatórias.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Notamos que os educadores, que se mostravam tão inconformados com o erotismo manifesto nas ações das alunas, quase não falavam nem discutiam acerca das manifestações de comportamento marcadamente heterossexual (BOURDIEU, 1998) dos meninos. Os docentes estabeleciam, nitidamente, uma estreita relação entre as manifestações da sexualidade com o baixo rendimento na aprendizagem e a atitude indisciplinada das alunas. Quanto aos alunos, os docentes não questionavam o modo como manifestavam os seus interesses e desejos sexuais, pois não lhes faziam críticas, não revelaram nenhuma forma de estranhamento quanto aos seus interesses pelas meninas nem estabeleciam relações entre as suas sexualidades e os seus comportamentos inquietos, desassossegados e desobedientes.

A idéia de precocidade sexual das alunas gera uma reação e esforço, mais intencional e explícito do(a)s docentes, visando a redirecionar aquilo que consideram como uma maneira mais ativa e antecipada do desejo sexual das mulheres. O gênero, portanto, continua a ser a principal referência para as formas de restrição impostas à orientação da vida sexual, pois estas formas de preocupação não se revelam quando se trata de casos que envolvem os homens. Sobre essa prática, continua imperando um imaginário em que, por um lado, existiria uma sexualidade ativa, inscrita, por natureza, nos corpos dos homens (lidos como heterossexuais, é claro) e, por outro lado, a suposição de que os corpos femininos trazem inscritos tanto a passividade sexual, como também, um fogo sexual e erótico latente que podia explodir com qualquer descuido.

Um outro aspecto a se destacar, de modo particular, é o modo como eram tratadas as manifestações de alunos que os professores classificam estar associadas com as homossexualidades. Para a maioria dos profissionais, a homossexualidade é vista como um grande problema. Quando se trata de um comportamento associado ao desvio da norma social heterossexual, os preconceitos, a vigilância e a hostilidade atingem tanto os alunos como as alunas, o que pode ser constatado.

Nas relações com os seus alunos, um dos professores da escola utilizou-se de uma atitude explícita de demonstração de desqualificação de sujeitos homossexuais, em função de sua tentativa em manter o controle disciplinar sobre dois alunos que rompiam com a ordem e obediência durante um jogo de futebol. Nesse episódio observado, dois garotos estavam realizando uma luta corporal, em que agarravam com extrema força a camiseta do outro, quando o professor falou “Muito bem! Agora vocês dois irão fazer amor! Meio estranho”. Nota-se que o professor utilizou um recurso de ridicularizar e provocar o riso entre todos, através do apelo aos preconceitos sobre a sexualidade para desclassificar, por tabela, o ato indisciplinado que ele queria corrigir.

Bergson (1980) afirma que o riso oculta um propósito de acordo e de cumplicidade com outros indivíduos do grupo social, sejam eles reais ou imaginários. O riso provocado pelo professor implica o compartilhamento da idéia de que, entre homens, não pode ocorrer uma aproximação física mais íntima, mesmo que seja sob a forma de luta, que socialmente está relacionada à visão de virilidade e força - características associadas a perfis identitários de masculinidade. Nas diversas formas de manifestação humorística, em que se visa a provocar o riso, é reconhecida a sua capacidade de mobilizar imagens mentais sobre qualquer prática social que o autor reconhece como sendo consensualmente difundida. Aí, portanto, estaria a sua eficácia



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

em “gerar comportamentos desejados, de influenciar condutas e obter respostas” (PESAVENTO, 1994).

Em um diálogo informal com uma das bolsistas do Projeto o professor declarou sobre um determinado aluno que, antes, este era uma esculhambação, mas que, desde que “assumiu a sua “bichisse”, havia melhorado bastante. Essa compreensão do professor⁸ pode indicar para a idéia de que, assegurada a confissão, o aluno se tornaria mais facilmente refém dos dispositivos de controle e disciplina dos quais se pretende dispor. Mais uma vez, constatou-se o modo como a indisciplina e a sexualidade são associadas e vinculadas às práticas e dispositivos de controle escolares. Ao assumir-se, o aluno abre a possibilidade de que se possa tentar intervir em sua orientação afetivo-sexual; ao mesmo tempo, demarcam-se mais claramente as fronteiras em função dos lugares de quem está ou não mais próximo a ele, de quem deve ou não dele se aproximar.

Sobre esse mesmo aluno, outra professora demonstrou, através da entonação de voz que empregava, um sentimento de comisseração e de lamento, ao referir-se à sua homossexualidade: “é..., Mas “tadinho”... É muito bonzinho e bonito. Além do mais é muito trabalhador... Trabalha em um supermercado”. Tal declaração nos demonstra que a homossexualidade também pode ser vista como um mal a ser aceito e tolerado, desde que esse indivíduo demonstre ter outras características sociais consideradas dignas. A beleza, a bondade e a laboriosidade são características enaltecidas pela sociedade contemporânea, assumindo-se como um contraponto para o caráter patológico atribuído à homossexualidade.

Conclusão

Concluindo, primeiro é necessário destacar que apesar das nossas análises serem duras com os professores e professoras que compartilharam suas aulas com o Projeto, compreendemos as questões sociais e culturais que levam as atitudes e ações desses sujeitos. Também é importante indicar que os resultados do nosso trabalho foi apresentado e discutido com esses profissionais. Aproveitamos e os convidamos a participarem de um curso de extensão sobre a temática que foi realizado no segundo semestre de 2011, dos quatro, dois o frequentaram.

Bem, a partir disto, podemos dizer que os resultados dessas vivências e investigações pedagógicas nas aulas de Educação Física, realizadas a partir da observação das práticas e atitudes de professores no cotidiano escolar, permitem avaliar o quanto e como diversas formas de preconceito, violência e de exclusão ainda se fazem presentes em várias situações que envolvem as relações interpessoais entre professores e alunos, as quais, geralmente, não estão referidas às práticas formalizadas no currículo escolar. Uma das evidências de tal fato é a não percepção dos próprios docentes de quais são as implicações, na formação dos estudantes, de suas atitudes habituais, e aparentemente banais, em que se revelam reações de desdém, zombaria ou indiferença,

⁸ Essa análise feita por nós é contextualizada pelas nossas vivências e observações.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

expressas em diversas maneiras de deprecições ou de ironias, impingidas seja às “meninas assanhadas”, seja aos homossexuais.

É diante dessas formas de pedagogias do gênero e da sexualidade, que envolvem práticas interativas muito eficazes na modelização de determinadas condutas e valores, que se percebe a necessidade de formar professores a partir de estudos mais consistentes acerca dos sujeitos e do mundo que se pretende construir. Não se ignora que a escola é uma das instâncias em que se produzem os processos de diferenciação, classificação e exclusão social⁹. Porém, também se pode postular que, neste espaço, estão contidas inúmeras outras possibilidades em termos de práticas de subversão, as quais, embora permanecendo sujeitas à crítica e questionamentos, podem apontar para a nossa não neutralidade teórica ou indiferença quanto ao compromisso com determinados princípios éticos para a sociedade que queremos.

Desta forma, retornando a questão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reafirmamos a importância da inclusão da discussão sobre gênero e sexualidade na formação de professores, no nosso caso, mas especificamente, de professores de Educação Física. Assim, partindo da ação desenvolvida no Projeto de Extensão é que no segundo semestre de 2011, redefinimos em muitos aspectos a disciplina “Gênero e Sexualidade na Escola”, integrante do currículo de Educação Física do nosso curso de origem.

Esta disciplina tem como meta oportunizar aos alunos embasamento teórico e reflexão sobre as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar, entendendo a escola como um espaço capaz de transformar a sociedade.

Na luta pela equidade de gênero estaremos evidenciando: a importância dos movimentos sociais na luta contra as desigualdades de gênero; as relações de gênero no cotidiano escolar; a escola como espaço de equidade de gênero; gênero no currículo escolar; sexualidade: dimensão conceitual, diversidade e discriminação; o corpo e a sexualidade; identidades de gênero e orientação sexual; abordagens educativas no trabalho com sexualidade e saúde, direitos reprodutivos e direitos sexuais, gravidez, DST e AIDS; as possibilidades de intervenção pedagógica de professores de Educação Física em suas aulas.

Consideramos que os objetivos estabelecidos na disciplina, nem sempre são atingidos de imediato por todos os alunos, apesar de que muitos destes ao longo do semestre letivo compreendam, ou melhor, através da sua auto avaliação, respondem a uma das questões apresentadas por vários deles nas primeiras aulas: como esta disciplina vai contribuir na minha formação de professor de Educação física? Quando percebem que ao término desta que além do conhecimento concreto adquirido, ampliaram seus horizontes, se apropriaram de conceitos culturais e sociais, discutiram temas conflitantes. Mas com certeza é mais a frente do curso, durante as disciplinas de Pesquisa e Práticas de Ensino¹⁰ é que conseguimos ter mais clareza da importância da disciplina na formação dos licenciandos.

⁹ Mas também temos clareza que não é a única responsável por isso.

¹⁰ Em nossa Universidade as disciplinas de PPE, para o curso de Educação Física, são ministradas por nós mesmos e não pela Faculdade de Educação, como é usual.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Desta forma, acreditamos estar contribuindo para o debate de uma nova Formação, e geração, de Professores de Educação Física e, também para uma sociedade mais equânime, onde corpos se tornem sujeitos e suas marcas de vida sejam respeitadas e pedagogicamente trabalhadas quando for necessário..

Referências Bibliográficas

- ALTMANN, Helena. Currículo, Gênero e Esportes. In GOELLNER, Silvana Vilodre. Et al. **Corpo, gênero e Sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande/RS: FURG, 2009. 57-65 pp.
- BAUMAN, Zygmunt. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 out. 2003. Mais, p. 6-9.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 159 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.83-111.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 174 p.
- PESAVENTO, Sandra J. O riso do outro: mulher e caricatura na virada do século. In: ANAIS. **Fazendo Gênero**. Seminário de Estudos sobre a Mulher, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994. p.37-42.
- SILVA, Tomaz T. Diferença e Identidade: o currículo multiculturalista. In SILVA, Tomaz T. (org). **Documentos de Identidade: uma introdução à teoria do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.85-97.